

---

## OS OLHOS

---

Alguns palmos de terra escura e morta, da terra sinistra das sepulturas, guardam agora o corpo para sempre immovel daquelle a quem em vida mal bastava a largueza dos mares infinitos! Lá o deixámos no ultimo abandono, entregue ao osculo faminto, á sucção formidavel da terra recobrando a materia que lhe roubara aquelle corpo robusto e incontentavel...

Scismando na dissolução que começa do morto amado, a amargura da minha saudade se aggravava de uma piedade lancinante, de uma tristeza esmorecedora, pela expressão queixosa que tomou o seu rosto quando se desfranziu das espantosas contracções da agonia, quando se lhe fechou a bocca para sempre muda, quando se abaixaram os seus sobrolhos arregaçados e convergentes no espasmo desesperado das mascaradas da Dôr na tragedia antiga. Parecia que iam desaparecer na serenidade augusta da morte os ultimos vestigios da luta suprema, mas no rosto emaciado do lidador vencido ficou a contracção labial e a ruga entre os olhos, expressão posthuma de um descontentamento doloroso. E os olhos olhavam... Olhavam

como vivos — fixamente, pasmos, porém vivos — pela janella aberta olhavam a orla extrema do mar com o ceu, e se enchiam de luz, accendendo-lhe as pupillas sombrias um brilho vago de diamantes negros.

E, reprimindo os soluços na garganta, que cerrava uma ancia atroz, uma curiosidade angustiosa, insensata, me inclinara palpitante sobre aquelle longo e tenebroso olhar, espelho turvo reflectindo o horizonte inaccessivel do Mystério. No latejar das fontes martelladas de agonia, no surdo galopar do sangue atravez do cerebro abrazado, no sôpro ardente de demencia que me inchava o craneo, eu ouvia uma voz cruel me segredando que era o apego á vida o que illuminava de saudade aquelles olhos, que era o pavor da decomposição, o horror sobrehumano do aniquilamento irrevogavel o que passava aquella face dolorida e convulsa, sem lhe permittir a serenidade da resignação.

Tanto me embebi na contemplação desse rosto desesperado, que não pude mais evocar a grata lembrança da sua physionomia dos bons dias. Era então, á volta das viagens, o contentamento da alegria dos seus, a bocca loquaz desabrochada em riso e uns olhos claros de sol, cheios de bondade e de afeição. Agora é a desolação infinita do seu derradeiro gesto, é a projecção terrifica daquelle olhar de expressão obscura, de uma profundeza temerosa, escrutando na morte mais que em vida, é uma obsessão torturante, a insana indagação do raio de luz perdido, rasgando a treva sem fim!

Na escuridão da noite, que caíra de todo sobre o humilde cemiterio dormindo em frente ao largo mar deserto, levantei-me por fim alquebrado e tropego e, tomando o mais longo caminho, descí, buscando a praia. Desceu commigo no farfalhante bater d'azas do delirio o meu sinistro bando de abutres familiares. Numa vibração profunda de todo o ser longamente afinado pelas horas crueis de soffrimento desenrolou-se ante os olhos do meu espirito o lugubre cortejo das miserias sentidas ou vividas em reflexo: recordações avivadas de penas que dormiam esquecidas, gemidos e suspiros de prantos sem consolo, paginas negras e ensanguentadas do livro da vida, imagens das formas horriveis que reveste a Dôr para o tormento sem treguas,

gestos supplicantes e tragicos olhares miseraveis, aloucados na afflicção suprema, a queixa imprecisa, a fadiga da vida idealizando em horror os negrumes informes do não-ser.

Para os meus sentidos allucinados começa a povoar-se a solidão tenebrosa de visões fugitivas e indistinctas — sombra sobre sombra. Entre ellas vejo passar cabeças de supplicados, lançando-me um olhar de fogo. Agora um ventre rôto, de entranhas soltas, embaraçado, n'uma agitação convulsa como de um panico em ninho de serpentes e logo um esqueleto nú com a cabeça intacta, viva, carnuda, e os olhos fixos, attentos olhando... Um panno de sombra se define n'um dominó e, vasio, mas animado pela alma das coisas, vai dansando pelo ar em contorsões freneticas, jovial e sinistro. Uma cabelleira sôlta, serpentina, ondeia mollemente. Azas perpassam invisiveis. Ergo a cabeça de repente: uma mão monstruosa, enchendo o espaço desce sobre mim, recurvada em garra desmedida. Corre-me o corpo um tremor de febre, lufadas de um calor infernal deixam-me alagado em suor frio. Linguas de fogo em côres carregadas fuzilam sombriamente. Sinto-me só na treva inimiga. Por cima do estrondo da minha cabeça percebo um silencio esmagador; e a garganta cerrada e a bocca resequida me impedem a voz. Tenho os olhos como duas brazas. Debruço-me sobre o mar: na sombra ondulante a ardentia accende a espaços um clarão vago — o olhar torvo e triste do abysmo. Então me vence a obsessão: uma angustia sem nome me domina e desfallecido, abandonado, morto, afundo-me na vida irreal, e me deixo arrastar ás regiões em que o Indefinido cambiante se cristalliza em sonhos enganadores, compondo o substratum vacillante da vida, que é a instabilidade.

Leva-me o mar sonoro, cantando o hymno eterno, de estrophes infinitas. O movimento é musica — a harmonia dos mundos, e dentro della rôlo, nota perdida buscando a par. Na immensidade do espaço, na eternidade do tempo vou colligindo a sciencia com que entenda a vida. As vozes sôlta, inarticuladas, incomponiveis, fóra dos limites das vibrações audiveis, ligam-se e afinam-se em mim, tornado em centro de resonancia do universo. Desde o segredo da vaga coxixado ao ouvido até ao clamor dos turbilhões raivosos, escuto e entendo a voz do mar,

que é a Historia. Mas, fóra da correcção logica do raciocinio commum, na anormalidade psychica em que a sensação deixa de ser o logarithmo da excitação para se revelar como explosão sensitiva, que qualquer faisca produz, ou seja esta benefica scentelha ou raio fulminante, mas, desapparecendo a perspectiva interna que distribue os factos por planos graduativos de apreciação individual, achei-me embaraçado para decidir e preferir o que mais valesse attenção. Tolhia-me a escolha a apresentação dos factos agglomerados todos no mesmo plano, pela falta do criterio perspectivo. E, então, como todos falassem juntos e num mesmo tom e timbre abstractivo se revelassem de igual valor, as interferencias e neutralizações mutuas me levavam a interessar-me tanto pela batalha de Actium como pela pescada frita que vinha no anzol de Marco Antonio. Pelos olhos de Cleopatra, sim, por aquelles olhos sumptuosos, pintados e ornados como os de um idolo, senti-me estremecer. Eram fulvos e obliquos, como os da panthera, e pela expressão pareciam negros. O enigma da alma espiando por elles nem no abandono amoroso ella deixava decifrar. No fundo das pupillas tenebrosas ás vezes um bater d'azas convulso, uma breve luta, e logo a calma, a serenidade ironica da victoria facil. A' hora do aspide fatal ella ainda os volveu no reviramento supremo... Mas já eu estudava, inquieto, as luxuriosas cadencias do ventre de Salomé dansando em frente a Herodes. E do seu prato de prata os olhos mortos do Baptista tambem vinham olhando...

Depois o mar de sons fingiu a grita, o estrondo, o clangor das buzinas dos barbaros renovadores. Ouvi os gritos terriveis, os clamores das matanças, os lamentos das mulheres violadas, o tropel do cavallo de Atila. Desdenhei de Atila, philosophicamente, achei miseravel o flagello de Deus, e, num tedio olympico pela inutil renovação da face das coisas desprendi-me da contemplação concreta para deixar-me fundir no absoluto categorico. A consciencia obscura de poder explicar a mim mesmo o universo me distrahia d'elle a attenção como de coisa sabida ou sem interesse por muito clara. E como deus omnisciente e omnipotente e portanto desdenhoso de saber e de querer, só eu me interessava a mim mesmo. Cerrados os sentidos ás exterioridades importunas, contemplei

o meu umbigo virtual para me absorver no Nirvana. Só eu era mais profundo do que o universo, que reflectia toda sua vida, e mais obscuro. Tão obscuro que no interesse de bem me conhecer, conforme ao preceito ephesico, tirei um olho da orbita, para mirar-me. Deslumbrou-me o clarão que irradiava. Era uma chamma de ironia picante, como si a hypothese de Newton se verificasse e a luz emittida por aquelle foco fosse de agulhas dolorosas. Era vivo o olho, movia-se, viscoso e molle, e, escorregando entre os meus dedos, caiu no mar. Com elle ia metade de mim. Arrojei-me atraz delle. Mas do espirito de insubmissão e rebeldia tambem partilhava aquella alminha visual. Mergulhou fugindo e se afastou entre as ardentias do largo até que se sumiu na escuridão sem fim, e eu, diminuido de energia, com lagrimas me ardendo na orbita sanguinolenta e vasia, assentei-me para assistir, a festa millenaria do mysterio da vida entre a expectação apavorada das coisas.

Era sempre a Noite, a Noite prenhe de horrores, o fecundo ventre de assombros. A treva para mim era a patina dos seculos, a superposição de camadas infinitas do negrume eterno. Ao principio nada, o vasio tumular. Depois se abriu um dubio clarão vermelho, um reflexo talvez da minha orbita ensanguentada e lamentosa como uma viuva tragica. Apareceram muralhas, pylones colossaes em galeria, cantos de rocha cyclopicos formando base a alguma desmedida abobada, brutaes cadeias de bronze conjugando fustes de columnas, cujos pedestaes e capiteis se perdiam na sombra e, phosphorecente, com eclipses e reaparições teimosas, uma inscripção lapidar, cuneiforme, runnica, coptica ou phenicia, que eu não queria entender e á qual o meu olhar voltava sempre, legenda suggestiva da Revelação suprema. Em torno o véu negro da sombra se adensou, tonalisando em mysterio o scenario ritual, pannejando solemne, religioso, como um tabernaculo infinito. Entre o vago borborinho como de uma multidão coxixando, estrondou de subito a musica sem nome das excitações sagradas, rithmando em cadencias caprichosas o conjugar das formas.

No campo de luz incerta e turva, emergindo do mar de treva para logo mergulhar nelle, passou primeiro o turbilhão

dos proteicos, desfilaram as theorias genesicas dos seres que só a fecundação fixa, desenrolou-se o tropel sem fim dos germens indecisos e o ar ficou saturado de vida disponível. O canto genethliaco das creações informes se definiu e humanizou: sob a furiosa celeuma dos galopes copulativos começou-se a ouvir a lryica suavissima dos amores subjectivados. A diferenciação especifica figurou na poesia, que era aquella musica, variadissima e una no entanto, multiplicidade de estímulos e destinos. Mas sempre um só vi eu: ao latego fatal do sãcro cio, o impulso irresistivel para a fecundação universal, até á attracção e conjugação dos mundos. E o movimento vertiginoso se fazia com o estrondo ensurdecador, combinação de vozes e sons a que o ouvido se acostuma como aos grandes rumores da natureza. De repente calou tudo como a uma pausa subita de orchestra, fez-se um longo silencio anciado, e a Grande Femea entrou. Illuminava-lhe a face de esphynges o clarão oblativo dos amores e os olhos de pedra, fixos, terriveis, chamavam. A figura gigantesca ainda se engrandecia com a sombra, que lhe fazia leito e véus, lhe prolongava o corpo, era-lhe talvez o ventre fecundo, germinante. Em torno della dansava em ronda sinistramente ridicula um bando de innumeraveis olhos soltos — metades de individualidades, alouçadas, sedentas, incontentaveis.

Um só grito, um bramido unisono resoou entre os meus semelhantes, e todos nos arrojámos para buscar o nosso complemento, que tambem lá via o meu. Carreira torturante de desejos vencidos, em que cada passo era um tropeção, vacillava sobre o chão infirme calçado de ossadas, e as quédas de encontro aos despojos de morte eram mortaes. Muitos lá não chegavam, á volupia lethal. Os outros, attrahidos, esmagados contra o seio de pedra da divindade insaciavel davam-lhe o alento extremo e eram lançados fóra, expremidos, vazios, mortos. Olhei então para a inscripção agora flammejante e della aprendi que para fecundar a Natureza todos os germens são reclamados e que a morte deve seguir a fecundação naturalmente, por causa do dualismo Mors-Amor. E vi que a treva pululava de seres e vi que em todas as femeas a physionomia de attracção era obscuramente semelhante á da figura terrivel, e contra ella investi num arranco de odio ou de amor.

Tombei de bruços sobre o rochedo aspero e despertei. E caminhando pela praia afóra, ainda assombrado e sem poder dissipar os fantasmas importunos, com um terror introspectivo, vagamente me lembrava de ter lido algures, em Shakespeare ou na inscrição ritual, que sobre a urdidura tenuíssima do sonho se tece a nossa vida.

DOMICIO DA GAMA ✓

---